

**RECEPÇÃO E APROPRIAÇÃO DOS CONCEITOS NIETZSCHIANOS
NA ANÁLISE DA SOCIEDADE BRASILEIRA PROPOSTA POR ELYSIO DE
CARVALHO**

Thais Gonsales Soares

Doutoranda em história pela UNESP – Franca

thaisgonsalez@gmail.com

A partir do final do século XIX, houve no Brasil uma grande repercussão dos escritos do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), entretanto, os estudos relacionados à recepção de suas ideias no cenário nacional ainda são escassos. Nesse sentido, a análise proposta para esse Simpósio Temático é resultado da pesquisa em andamento, que objetiva verificar quais apropriações das ideias nietzschianas foram feitas pelo escritor brasileiro Elysio de Carvalho (1880-1925). Por ser um dos leitores de Nietzsche e se inserir em um conjunto de intelectuais dedicados a refletir e elaborar projetos sobre o Brasil moderno, Carvalho pode ser considerado um dos autores a partir dos quais é possível identificar as primeiras recepções e apropriações das formulações nietzschianas no Brasil. Para tal análise, recuperaremos as reflexões estabelecidas por Carvalho na obra *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, escrita em 1911.

Palavras chave: Nietzsche; Elysio de Carvalho; Recepção.

O alagoano Elysio de Carvalho nasceu em 1880 e teve uma trajetória literária agitada por sua circulação entre as ideias anarquistas, decadentistas e nacionalistas. Foi o diretor do periódico anarquista *A Greve* (1903) e da revista *Kultur* (1904)¹ e em 1904, fundou juntamente com militantes do movimento anarquista e literatos simpatizantes a Universidade Popular de Ensino Livre, com duração de poucos meses. Em 1909, Carvalho anunciou na obra *Five O’Clock* sua renúncia às ideias anarquistas² e assumiu, entre os anos de 1911 a 1915, a diretoria do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Rio de Janeiro, o que lhe rendeu, como destaca Menezes, críticas severas por parte do anarquismo internacional (MENEZES, 2004; LEMOS, 2010).

Em 1905, a *Gazeta de Notícias* solicitou a João do Rio, um de seus redatores, uma série de entrevistas com literatos de destaque da época, prática que era comum na Europa. Elysio de Carvalho foi um dos intelectuais que fez parte do grupo dos entrevistados, entre os quais figuravam como escritores de destaque nacional também Olavo Bilac, Raymundo Correia, Nestor Victor, Julia Lopes de Almeida, entre outros. No mesmo ano, Carvalho reorganizou e ampliou suas respostas à entrevista concedida a João do Rio, publicando-as reunidas na obra *História de um cérebro* (1905). Nessa versão ampliada de suas respostas, Carvalho destacou que além de seus referenciais que o tornaram um ateu profundo (D’Holbach, Diderot, Lange, Buchner, Spencer, Hoeckel) e um anarquista convicto (Proudhon, Bakunine, Kropotkine, Mackay, Tucker, Réclus etc.), aponta também Keats, Shelley e Oscar Wilde como seus mestres em poesia, e Thomas Carlyle, Ruskin, Henrique Ibsen, Pompeyo Gener e Emerson como seus educadores de sensibilidade em filosofia.

¹ Segundo Lemos, Carvalho teria também contribuído com diversos periódicos e jornais da época “ligados ou não ao anarquismo, como: *Genese* (1898); *Semana Illustrada* (1898); *A Ronda* (1898); *Rua do Ouvidor* (1898); *A Tarde* (1899); *Revista Acadêmica* (1900 – 1902); *Jornal do Povo* (1901); *Asgarda*, revista anarquista redigida por Mota Assunção e Elysio de Carvalho (1902); *O Trabalhador* (1903); e *Renascença* (1904)”. (2010, p.31)

² “O anarchismo é uma attitude absurda. Foi o meu profundo sentimento do bello, o meu culto apaixonado pela arte, a minha intransigente admiração por todas as formas da grandeza e o meu conceito individualista da historia, que me levaram a renunciar meu passado politico. O anarchismo, como idéa, é uma expressão philosophica sahida do christianismo - o maior flagello da humanidade - e, como facto, é o maior obstaculo á floração da intellectualidade, da belleza e da arte: é uma doutrina de decadencia. Hoje, não vacillo em affirmar, que o anarchismo é um acervo de falsas ideas philosophicas e moraes, é a negação da realidade tangivel e superior, é a agglomeração de todos os instinctos mórbidos, é um principio de dissolução da personalidade humana”. (CARVALHO, 1909, p.113)

Na apresentação que João do Rio fez à entrevista, referindo-se as diversas influências que faziam parte do arcabouço de leitura de Carvalho, o redator anunciava: “O Sr. Elysio de Carvalho representa por si só uma porção de pequenos movimentos literários, reflexos de pequenas escolas francezas” (RIO, 1905, p.256). Por sua vez, o próprio Carvalho, após a apresentação do conjunto de pensadores relacionados acima, ressaltou a importância dos autores alemães em sua trajetória, afirmando:

Foi, porém, o intelecto alemão o que influiu mais profundamente na formação da minha mentalidade. O fenomenalismo do *Mundo como vontade e como representação*, retificado pela filosofia nietzscheana, e a serenidade de Goethe tornaram mais luminosa a minha visão estética. (1905, p.11)

E prossegue enfatizando a relevância de Schopenhauer, Max Stirner e Friedrich Nietzsche, ao declarar que esses autores eram os seus principais educadores. Em suas palavras:

[...] são os meus grandes, os meus maiores, os meus melhores e os meus verdadeiros educadores: porque me ensinaram bastante a pensar, me induziram a procurar e encontrar meu *eu*, me fizeram encontrar o único caminho que condúz a vida: foram os autores da minha emancipação intelectual. (CARVALHO, 1905, p.11)

Nessa mesma entrevista republicada por Carvalho, o autor, que pode ser considerado um dos primeiros leitores de Nietzsche no Brasil³, segue ainda por cerca de quatro páginas elencando, de acordo com suas leituras, as características da filosofia nietzschiana que mereciam destaque.

É possível identificar na obra *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, escrita em 1911, aspectos da filosofia de Nietzsche nas reflexões estabelecidas por Carvalho sobre o Brasil. A fim de explorar esses aspectos, apresentaremos a seguir como a obra foi estruturada por seu autor e em quais momentos identificamos não apenas uma

³ No conjunto das demais entrevistas realizadas por João do Rio, a referência a Friedrich Nietzsche aparece rapidamente apenas quatro vezes: nas apresentações do próprio redator a João Ribeiro, Marcus Sondhal e Alberto Ramos e na indicação feita por Julio Afranio de que o filósofo alemão era uma de suas preferencias literárias para “os dias festivos do espirito” (RIO, 1905, p.13, 245, 311 e 300, respectivamente).

possível recepção das ideias do filósofo alemão por Carvalho, mas também a apropriação desse referencial para analisar o Brasil moderno.

O autor iniciou sua obra afirmando que “a história da sociedade brasileira ainda está por escrever”, uma vez que política e economia não seriam aspectos suficientes para descrever com fidelidade, por exemplo, o Brasil de meados do século XVIII, de modo que seria necessário procurar na “história dos costumes, das artes e das letras, as fontes donde derivam as características de um dado momento” (1911, p.2). Nessa perspectiva, Carvalho apresentou sua crítica aos historiadores e cronistas, ao afirmar que “quasi completa é a ausência de informações em que nos deixaram historiadores e cronistas, quanto ao que se pode chamar, pela equivalência entre o teatro e a vida, a *mise-en-scène* e o cenário da história” (1911, p.2).

Como um lamento em relação ao desconhecimento do passado nacional, Carvalho afirmou ainda nas primeiras páginas de sua obra, “[...] desse passado de esplendor e de fortuna, que anda no nosso peito como uma grande saudade que procuramos dar a vida da história, pouca lembrança resta” e é a fim de analisar a decadência da sociabilidade nacional que o autor se propôs a apresentar também o período de esplendor da sociedade brasileira (1911, p.5-6).

Além dos trechos apresentados acima, em diversas outras passagens de *Esplendor e decadência* [...], Carvalho ressaltou a importância da cultura, da tradição e da arte. Destacamos uma delas:

Não pode ser chamado de *grande*, o povo ou o indivíduo que não possua o hábito de reduzir tudo na vida à maneiras de arte. A força material e a riqueza não bastam para estabelecer a superioridade de um país, é preciso que se possua esse dom muito caro – o hábito da beleza – o que existe de mais transfigurante, refinado e divino na terra. (1911, p.9)

Suas considerações sobre a importância da cultura têm como base uma menção a Nietzsche. Carvalho citou, sem apresentar a referência completa da obra da qual o texto foi extraído, o seguinte trecho:

Tudo que é bom é herdado, o que não é herdado, é imperfeito, é falso, é deficiente, assevera Nietzsche. “A beleza não é um acidente. A beleza de uma

raça, de um povo ou de um individuo, sua graça e sua perfeição em todos os gestos e em todos os momentos da vida, é adquirida penosa e lentamente – é o resultado do trabalho de muitos seculos. Há mister ter-se feito grandes sacrificios ao bom gosto. O decimo oitavo seculo em França, por exemplo, merece ser admirado neste ponto. Nessa época, tinha-se então um principio de eleição para as pessoas e para as cousas. Foi preciso, porem, preferir-se à beleza ao utilitarismo.” As belas cousas custas muito caro, é ainda Nietzsche quem falla [...]. (1911, p.8-9)

Identificamos essa citação no aforisma 47 de *O crepúsculo dos ídolos* (2006), obra elaborada em meados de 1888 e parte dos últimos escritos de Nietzsche. É também na mesma obra que Nietzsche apresentava em “Incursões de um extemporâneo” alguns exemplos da decadência da modernidade, incluindo, entre eles, a arte⁴.

A importância da arte para o filósofo alemão faz com que esse tema esteja presente em grande parte de suas reflexões. Em sua “Tentativa de autocrítica”, posfácio acrescentado em 1886 à obra *O nascimento da tragédia* (publicada originalmente em 1872), Nietzsche afirmou: “Já no prefácio a Richard Wagner é a arte - e não a moral - apresentada como a atividade propriamente *metafísica* do homem; no próprio livro retoma múltiplas vezes a sugestiva proposição de que **a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético**” (1999, 5, p.18, grifo nosso).

Uma perspectiva semelhante à proposta por Nietzsche pode ser encontrada nas páginas iniciais de *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*. Foi Carvalho quem afirmou: “Signo e flôr de toda civilização, a cultura é a cousa mais importante para a vida, **o mundo só justificando-se como puro phenomeno esthetico** (1911, p.11, grifo nosso).

A proximidade entre as perspectivas adotadas pelos pensadores continua. Em *O nascimento da tragédia*, o filósofo considerou a cultura grega clássica como a mais elevada. Em sua “Tentativa de autocrítica” afirma: “A mais bem-sucedida, **a mais bela**, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, **os gregos**” (1999, p.14, grifo nosso). Por sua vez, afirmava Carvalho: “Porque tiveram esta noção subtil do universo, **os Gregos** foram, por isso mesmo, **a mais bela** civilização que floresceu sobre a terra” (1911, p.11, grifo nosso).

⁴ Como destaca Frezzatti Jr., Théodule Ribot, Charles Féré, Paul Bourget e Charles Baudelaire são alguns dos autores franceses que influenciaram as noções de psicologia e de decadência que perpassam tal obra nietzschiana (in: MARTON, 2016, p.80-2).

Juntamente com as considerações apresentadas acima, Carvalho expôs sua própria definição de cultura, definição essa que permeará toda a análise estabelecida sobre o Brasil:

Na longa peregrinação da planta humana pela terra, o que é grande e que é bello, é que fica, que se fixa, que não desaparece, que se eterniza, revigorado, transfigurado no conjuncto é certo, mas cada vez mais eterno, porque cada vez é mais intenso e mais augusto, até a definitiva belleza da suprema edificação com que sonhamos e cujo ideal constitue a essencia do grande drama da vida universal. (1911, p.11)

Após enfatizar a importância da cultura para um povo, Carvalho deu início a sua análise sobre o Brasil, anunciando que o sentimento da cultura no país era tratado como “a coisa mais importante para a vida”, considerando como formas superiores de sociabilidade uma tradição familiar de alta intelectualidade, “hábitos de distinção e de conforto, de polidez e de bom gosto”. O autor afirmava ainda:

Somos um povo que amamos a ordem e a clareza, por conseguinte, tudo que é nobre e bello – a nobreza e a belleza nada mais sendo que o esplendor da ordem – adoptamos as leis clássicas da elegancia e do bom gosto europeu, possuímos o sentimento da propriedade e uma noção clara da justa medida, em summa, somos refinados no sentimento e na intelligencia. (1911, p.9-10)

Notamos com essa e outras passagens da obra que trazem considerações sobre o refinamento do brasileiro, uma tentativa de identificação dos motivos que seriam dignos de uma sociedade esplendorosa. Ao notar esse exercício realizado por Carvalho, destacamos uma concepção fundamental no pensamento nietzschiano sobre cultura: “[...] a cultura é uma configuração de impulsos que, se cresce em sua potência e é altamente hierarquizada, é saudável e, se decai e é pouco hierarquizada, é mórbida ou decadente” (FREZZATTI JR in: MARTON, 2016, p.174). Identificamos então, no movimento de construção da análise sobre a sociedade brasileira estabelecida por Carvalho a tentativa de destacar uma nobre origem nacional, como é possível observar no seguinte trecho:

Não é supérfluo lembrar, penso, que é de gente nobre, culta e preclara que descendemos e que, com uma estimavel cultura espiritual possuímos habitos de sociabilidade, elegancia, conforto. Os pacientes trabalhos de Victorino

Borges da Fonseca, Santa Maria Jaboatão e Pedro de Almeida Taques sobre as nobiliarchias pernambucana, bahiana e paulista, bem como os estudos históricos, as crônicas e as memórias de Gabriel Soares, frei Manoel Calado, frei Raphael de Jesus, Rocha Pitta e Varnhagen se referem à alta estirpe de muitas famílias brasileiras, por onde se vê que o Brasil não foi povoado de degradados, delinquentes e sordidos aventureiros, gentes da ralé e da crapula lusitana. Tem ele raízes nobiliarchicas muito antigas, muitas vezes seculares, com famílias aparentadas com dynastias reaes e com principes do sacro imperio. (1911, p.12)

É a partir dessa perspectiva que o autor se propõe a escrever sobre algumas famílias “cujas estirpes são de grandes varões, romanos na grandeza e no poder” (1911, p.13). Pernambuco, Ouro Preto, Bahia e Rio de Janeiro são os locais a partir dos quais Carvalho estabeleceu sua análise. Pernambuco, classificado por Carvalho como “núcleo e centro da civilização brasileira”, teria sido povoado pela “melhor gente que veio ao Brasil” (1911, p.25). Acrescentava ainda:

Não vacillo em afirmar, que Pernambuco foi a terra da elegancia, da cortezia e do luxo, que se impoz á admiração do Brazil pelo seu heroísmo e pelo seu gênio, feito da mais espiritual delicadeza, do mais suave idealismo, e que os Cavalcanti representam, no nosso paiz, uma civilização requintada, homens prodigos e correctos, do mais superior cultivo mental e da mais subtil sensibilidade, verdadeiros Romanos no amor pelo luxo, nas inclinações artísticas e na noção sybaritica da vida. Ninguém, melhor do que o Pernambuco, representa, nos seus typos superiores, a civilização moderna na supreme elegancia de que se revestio a vida do homem contemporaneo. (1911, p.60)

De acordo com Carvalho, o governo de João Maurício de Nassau teria sido sábio, prudente e nobre, já que Nassau era um “príncipe perfeito, representante de uma civilização superior e dotado de uma cultura refinadíssima, verdadeiro sybarita no amor pelo luxo, nas inclinações estheticas e na concepção epicurista da vida, prodigo e correto” (1911, p.77). Carvalho destacou a edificação da cidade de Recife com suas “avenidas immensas e ruas formosas”, a construção do observatório astronômico, além da arquitetura civil holandesa, ressaltando a construção dos palácios a fim de fornecerem residência a Nassau, que serviriam como um “eloquentíssimo documento da vida social pernambucana” (1911, p.86).

Diferentemente dos elogios tecidos à Pernambuco, as considerações sobre Minas Gerais foram realizadas a partir da perspectiva de que sua sociedade teria vivido com “luxo desenfreado”, “ostentação delirante”, era “excessivamente perduraria”, contava com o “luxo desbragado de uma corte devassa, dissipadora e cruel”, num contexto no qual o rei teria se entregue à “libidinagem, á beatice e ao luxo”. Carvalho criticava ainda o uso da riqueza explorada das minas de ouro e diamantes para construções religiosas em Portugal (1911, p.103-111).

Apesar de reconhecer a presença dos “maiores vultos litterarios brasileiros da epoca” em Villa Rica, dos quais destacou Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga, Diogo de Vasconcellos e Silva Alvarenga, Carvalho reforçou que “a prodigalidade corria tão commum quanto o relaxamento dos costumes”, resultando em uma sociedade que “vivia entregue aos prazeres, ás aventuras romanescas, aos amores perigosos” (1911, p.132). Em sua perspectiva, a consequência desse modo de vida teria chego em menos de um século:

Não durou um seculo a vida faustosa de Villa Rica. O despotismo do Visconde de Barbacena foi como o vento da desgraça. Tudo arrastou ao infortúnio, á desolação, á morte. Muito antes do desgraçado anno de 1785, o anno da execração e a infâmia, Villa Rica havia perdido a sua importancia, seu prestígio, sua pompa, e, com esta, até o próprio nome, com que buscarão ennobrecel-a, para ficar com seu nome primitivo. Todo aquelle fausto, toda aquella riqueza incalculavel, toda aquella pompa se extinguiu para todo o sempre, como desapareceram os reis pastores do Oriente, os lupatridas da Grecia, os doges de Veneza e os marqueses de Versailles – como desaparecem as bellas cousas deante a brutalidade dos despotismos humanos... (1911, p.137-8)

À Bahia, Carvalho dedicou apenas duas páginas, nas quais destacava que apesar de até 1762 ter se mantido como a sede da corte no Brasil, faltava à sociedade baiana “esse caracter de aristocracia, de sociabilidade, de polidez e de elegancia” que foram conferidos à Pernambuco (1911, p.140).

Em contrapartida à rápida referência à Bahia, um longo discurso de vinte páginas foi dedicado ao pernambucano Maciel Monteiro, a quem Carvalho classificou a biografia como “um dos capítulos mais interessantes da história dos nossos costumes” (1911, p.5). Considerado pelo autor um exemplo de galanteador, possivelmente o mais sedutor dos

cortesãos e o mais galante dos poetas brasileiros, Maciel Monteiro era “da linhagem magnífica dos Morny e dos Loulé, letrado á maneira antiga e gentilhomem, mundano e sybarita, diplomata arguto, parlamentar emérito e estadista eminente [...]” (1911, p.142). Carvalho destinou ainda muitas páginas aos comentários sobre grandes diplomatas, embaixadores, condes e barões que viviam em Petrópolis e se destacariam por sua elegância, requinte e inteligência.

Além dos destaques que confeririam, na perspectiva de Carvalho, uma caracterização de esplendor da sociedade nacional, uma forte crítica foi dirigida aos brasileiros por ignorarem seu passado e sua vida contemporânea. Nas palavras do autor: “quando penso que conhecemos muito mal a nossa vida quotidiana, os acontecimentos que se desenrolam em nosso meio e as figuras que nos cercam, fico estupefacto” (1911, p.163). Carvalho fez uma analogia entre o que se conhecia da sociedade e a escolha de um novo papa: ao ver a fumaça saindo do interior da basílica de São Pedro, a multidão já saberia que um novo papa teria sido eleito, entretanto, ignoraria as lutas e episódios que aconteceram no interior da basílica para que a escolha fosse definida. Nas palavras de Carvalho, “somos como essa multidão, pois, conhecemos e nos interessamos pelos acontecimentos da nossa vida social, mas ignoramos quase sempre o segredo da *sfumata*” (1911, p.164). Nessa perspectiva, Carvalho estendeu sua crítica à imprensa do período, defendendo que os jornais desconheciam muitos detalhes importantes para o país, detalhes esses que poderiam ser encontrados, por exemplo, em cartas familiares.

Para Carvalho, o segundo reinado teria sido o período da *idade de ouro* da sociedade carioca, momento no qual “o estylo era um titulo de nobreza. Tratava-se o espirito como [sic] o mesmo carinho com que se cuidava da *toilette*” (1911, p.240). Dentro dessa “idade de ouro”, o autor teceu também considerações sobre a mulher carioca, destacando sua preparação para as exigências da “vida contemporânea”:

Ninguem melhor do que a carioca, nos seus **typos superiores**, representa a civilização na suprema elegancia de que se revestiu a vida contemporanea. Quer folheie o ultimo livro de **Paul Bourget**⁵, quer escolha chapeos, quer

⁵ Destacamos a referência de Carvalho a Paul Bourget, sobre o qual abordaremos na p.12.

encommende rendas, ella se encontra com os aspectos intellectuaes e com os aspectos decorativos do mundo moderno. (1911, p.228, grifo nosso)

Fica evidente nesse trecho que Carvalho hierarquizou a sociedade brasileira ao destacar os “typos superiores” cariocas. Além de “typos superiores”, outras expressões podem ser elencadas como exemplares dessa classificação social: “tradição familiar de alta cultura”, “velha aristocracia, um passado de nobreza”, “uma raça de gentis homens [...] que são apanágios das castas superiores”, “raça fina e delicada [...] dotada de uma inteligência lúcida”, entre outras que podem ser identificadas ao longo de sua obra (1911, p.7, 13, 30, 35 respectivamente).

Nesse momento, faz-se necessário o destaque para a associação entre a hierarquização social apontada por Carvalho e a concepção de aristocratismo do filósofo alemão. No aforisma 257 de *Além do bem e do mal* (publicação de 1886), Nietzsche discorreu sobre sua concepção que será classificada como aristocrática:

Abster-se de ofensa, violência, exploração mútua, equiparar sua vontade à do outro: num certo sentido tosco isso pode tornar-se um bom costume entre indivíduos, quando houver condições para isso (a saber, sua efetiva semelhança em quantidades de força e medidas de valor, e o fato de pertencerem a *um* corpo). Mas tão logo se quisesse levar adiante esse princípio, tomando-o possivelmente como *princípio básico da sociedade*, ele prontamente se revelaria como aquilo que é: vontade de *negação* da vida, princípio de dissolução e decadência. (1992, p.170-1)

Nietzsche ainda prossegue afirmando que: “A ‘exploração’ não é própria de uma sociedade corrompida, ou imperfeita e primitiva: faz parte da *essência* do que vive, como função orgânica básica, é uma consequência da própria vontade de poder, que é precisamente vontade de vida” (1992, p.171). Tratada como “função orgânica básica”, a desigualdade entre os homens e a exploração de um sobre o outro são consideradas como parte da vontade de potência – um dos conceitos essenciais na filosofia nietzschiana. Nessa perspectiva, a tentativa de nivelar os homens, os igualando, levaria à decadência a partir da negação da vida.

Na análise que Carvalho estabeleceu em *Esplendor e decadência* [...], dois elementos foram identificados como responsáveis pela decadência da sociabilidade

nacional: o primeiro deles seria a falta de relações com o mundo literário e com as preocupações artísticas, que resultariam na “inferioridade da cultura e uma grosseira noção da vida” (1911, p.5-6); no segundo elemento, Carvalho apresentou sua crítica mais incisiva, crítica essa que dirigiu-se à democracia – ou ao que o autor chamou de “a moral dos somos todos eguaes perante a lei”. Os excertos a seguir são significativos desse posicionamento:

Audaciosa e agressiva, brutal e cynica, a democracia é o atropelo das categorias, o desprezo das praxes, o abandono das dignidades, e a ella devemos, principalmente, tudo quanto significa um obstáculo à floração da sociabilidade nos nossos dias. (1911, 6)

Sob a enxurrada da lama democratica, que miseravelmente submerge tanta cousa rara e bela, vai desaparecendo tambem, pouco a pouco, essa classe restricta da velha nobreza, em que se guardavam, de paes para filhos, uma formosa tradição familiar de alta cultura e de elegancia. (1911, p.6-7)

(...) A moral dos somos todos eguaes perante a lei vae fazendo esquecer a urbanidade, o amor por todas as delicadezas, a polidez das maneiras e a distincção das attitudes, o culto apaixonado da beleza e o appetite dos prazeres nobres. (1911, p.8)

Algumas relações com a filosofia nietzschiana podem ser estabelecidas a partir dos excertos destacados. O filósofo alemão foi um dos pensadores que se propôs a refletir sobre a modernidade, à qual elaborou uma crítica manifestada em toda sua obra, desde seus escritos iniciais até seus últimos textos, quando o tema apareceu com maior enfoque. Na “Tentativa de autocrítica” presente em *O nascimento da tragédia*, o filósofo questionava:

Poderia porventura, a despeito de todas as "idéias modernas" e preconceitos do gosto democrático, a vitória do otimismo, a racionalidade predominante desde então, o utilitarismo prático e teórico, tal como a própria democracia, de que são contemporâneos - ser um sintoma da força declinante, da velhice abeirante, da fadiga fisiológica? (1999, p.18)

A expressão “ideias modernas”, corrente na prosa alemã do período, designava para Nietzsche as ideias progressistas relacionadas à justiça, igualdade e liberdade (SILVA JÚNIOR, in: MARTON, 2006, p.307). O filósofo apresentou uma intensa crítica

à essas ideias, considerando que encarar a igualdade como sinônimo de nivelamento gregário e uniformização, impediria o surgimento de “novos potenciais para a criatividade individual e para uma forma superior de cultura” (KELLNER, 2000, p.13). É nessa perspectiva que Nietzsche se referia ao homem das ideias modernas como “animal de rebanho”, aquele que ao seguir a moral universalista, herdeira do cristianismo, se tornaria obediente e laborioso:

O europeu se disfarça *na moral*, porque se tornou num animal doente, doentio, estropiado, que tem boas razões para ser “domesticado”, porque é quase um aborto, algo incompleto, fraco, desajeitado... Não é a ferocidade do animal de rapina que precisa de um disfarce moral, mas o animal de rebanho, com sua profunda mediania, temor e tédio consigo mesmo. (NIETZSCHE, 2012, §235)

Assim, para Nietzsche, as ilusões modernas atuam então como negação da vida e um de seus sintomas seria a decadência como escravização do pensamento. Ainda na perspectiva da decadência, o filósofo alemão destacava o esvaziamento das instituições como mais um sintoma do esvaziamento do homem. Em *O crepúsculo dos ídolos*, obra citada por Carvalho em *Esplendor e decadência*[...], Nietzsche afirmava: “O problema não está ligado a elas [as instituições], mas a nós. Depois que perdemos todos os instintos dos quais nascem as instituições, estamos perdendo as instituições mesmas, porque não mais prestamos para elas” (2006, §39).

Encontramos então Carvalho numa trilha semelhante ao caminho apontado por Nietzsche. Juntamente com a crítica às ideias democráticas, o brasileiro responsabilizou o “idealismo” e o abandono da tradição pelo declínio da sociedade:

Todo idealismo, segundo a moral utilitaria de nossos tempos, é uma loucura, e, neste afan de desesperados, esquece-se que toda cultura nasce da tradição. Legado de séculos de espírito e de bom gosto, ella é o resultado de uma elaboração lenta e difficil, através de gerações e de gerações. A existencia della numa raça, num povo, numa familia, pressuppõe antes de tudo a existencia de gentes de qualidade, letrados e artistas. Dest’art, um povo não tem a cultura que quer e não se faz culto quando quer, senão quando, de todas as maneiras, essa cultura foi praticada anteriormente, pelos seus antepassados. A cultura resume, pois, longos hábitos transmittidos hereditariamente, e é sempre producto de uma disciplina demorada, severa, laboriosa e sabia. (1911, p.8)

Quando apresentou seu diagnóstico da modernidade, em *O caso Wagner*, um problema para músicos, Nietzsche afirmou, já no prólogo, o quanto o problema da decadência o ocupou. Nas palavras do filósofo alemão:

O que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence* — para isso tive razões. “Bem e Mal” é apenas uma variante desse problema. Tendo uma vista treinada para os sinais de declínio, compreende-se também a moral — compreendemos o que se oculta sob os seus mais sagrados nomes e fórmulas de valor: a vida *empobrecida*, a vontade de fim, o grande cansaço. A moral *nega* a vida... Para uma tarefa assim, era-me necessária uma disciplina própria — tomar partido contra tudo doente em mim, incluindo Wagner, incluindo Schopenhauer, incluindo os modernos sentimentos de “humanidade”. (1999, p. 9)

Como destaca Campioni em *Nietzsche e o espírito latino*, a noção de *décadence* aplicada pelo filósofo alemão à crítica estabelecida a Wagner teve como referência a leitura de *Essais de psychologie contemporaine* (1883), de Paul Bourget. As análises nietzschianas sobre a complexidade do mundo moderno são anteriores à sua leitura de Bourget, entretanto, “a riqueza e a articulação da análise psicológica e fisiológica de Bourget trazem elementos novos” ao diagnóstico nietzschiano da modernidade (2016, p.316).

Em oposição ao cenário brasileiro de decadência, quando Carvalho referiu-se à mulher carioca em seus “typos superiores”, afirmou que “todos apreciam exatamente a carioca como uma mulher dotada de apurado bom gosto e de uma cultura muito delicada, com uma inteligência scintillante e uma imaginação muito viva” (1911, p.229) – essa mulher de inteligência cintilante era, na narrativa construída pelo autor, a mesma a ler Paul Bourget (como destacado na citação presente na página 9 desse artigo). Seria apenas uma coincidência Carvalho caracterizar como leitura de um “typo superior” no Brasil um autor utilizado por Nietzsche como um dos seus referenciais para análise da decadência da sociedade moderna?

Coincidência ou não, há ao longo da obra de Elysio de Carvalho elementos possíveis de serem caracterizados como recepção e apropriação das ideias da filosofia nietzschiana pelo brasileiro: a valorização da arte e da cultura como elementos

fundamentais da sociedade, à crítica à democracia com a defesa do aristocratismo e a perspectiva de decadência da sociedade moderna.

Referências

CAMPIONI, Giuliano. *Nietzsche e o espírito latino*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Sendas & Veredas).

CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

_____. *Five O’Clock*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

_____. *História de um cérebro*. Rio de Janeiro: Tipografia Bornard Frères, 1905.

KELLNER, Douglas. A crítica de Nietzsche à cultura de massa. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. n.13, p.12-22, dez. 2000.

LEMOS, Clarice Caldini. *Os bastiões da nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho*. Dissertação PPGH/ Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, 2010. 203f.

MARTON, Scarlett (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Sendas & Veredas).

MENEZES, Lená Medeiros de. Elysio de Carvalho: Um intelectual controverso e controvertido. *Revista Intellectus*. Ano 03, vol. II, 2004. Disponível em: [<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/27584>]. Acesso em 17/03/2019.

NIETZSCHE, Friedrich. [1872] *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. [1882] *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. [1886] Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. [1888] O crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. [1888] O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

RIO, João do. [1905] Momento literário. Rio de Janeiro: Garnier. s/d. Disponível em: [http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-00800.html]. Acesso em: 06/08/2016.